

# Antologia de escritores Contemporâneos

**Volume 04**

*Março/2020*  
*1ª Edição*

Copyright © 2019 by autores. O conteúdo desta obra é de responsabilidade dos autores, proprietários do Direito Autoral. Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução no todo ou em parte, sem autorização prévia dos autores e editora, sejam quais forem os meios empregados. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido no Código Penal.

**Organizadora:** Dolores Flor

**Revisão:** Ireneu Bruno Jaeger | Simone de Sousa Naedzold |

Antonio Cesar Gomes da Silva

## **DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

L632a

Leite, Dolores Flor da Cruz (Org.)

Antologia de escritores contemporâneos /  
Dolores Flor da Cruz Leite (Org.). – 1. ed. – Sinop, MT:  
Ações Literárias Editora, 2020.

92 p. ; 14x21cm.

Volume IV

ISBN 978659901455-0

Literatura brasileira - poesia. 2. Versos. I. Título.

CDU 82-1

CDD B869.91

### **Índices para catálogo sistemático**

Literatura brasileira: poesia 82-1

Literatura brasileira: poesia B869.91

**EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS**  
**CAIXA POSTAL 785 – SINOP - 78.551-350**  
**FONE (66) 9 9643-5501**  
**[www.escritorescontemporanos.com.br](http://www.escritorescontemporanos.com.br)**

## SUMÁRIO

<b>Ao Leitor .....</b>	<b>7</b>
<b>Leni Chiarello Ziliotto .....</b>	<b>9</b>
<b>Falando com nossa homenageada .....</b>	<b>14</b>
Paz .....	30
Honestidade e trabalho .....	33
Filhos .....	35
Time .....	35
Dia de chuva .....	36
Essencialmente mulher .....	36
Padrões .....	37
Migrante .....	38
<b>Antonio Cesar .....</b>	<b>41</b>
Rito de passagem.....	41
Ocaso .....	42
<b>Marlete Dacroce.....</b>	<b>43</b>
Saudades sem fim.....	44
<b>Mafalda Moreno .....</b>	<b>45</b>
Aos professores .....	45
<b>Josiane Domeni Lima .....</b>	<b>47</b>
Ela .....	47
<b>Andreia Miriam Laurindo .....</b>	<b>49</b>

Maria.....	49
<b>Maria Clara Flor .....</b>	<b>51</b>
Brincadeiras .....	51
<b>Dolores Flor .....</b>	<b>53</b>
Análise .....	54
<b>Marilene Sousa Henning.....</b>	<b>55</b>
Mato Verde.....	55
Amar é ... ..	56
<b>Ireneu Bruno Jaeger .....</b>	<b>57</b>
Mendicância .....	57
Florzinha.....	58
Retrovisor .....	58
<b>Marlene Santos .....</b>	<b>59</b>
Leia-me .....	59
<b>Josivaldo Constantino dos Santos .....</b>	<b>61</b>
A paixão .....	61
O desejo .....	62
<b>Gabrielle Cristiny Oliveira Braz de Campos.....</b>	<b>63</b>
Donde vem o Sopro .....	63
Tuas verdades .....	64
<b>Bernadete Crecêncio Laurindo.....</b>	<b>65</b>
E por falar em ti.....	65

Melancolia .....	66
<b>Amanda Lima de Oliveira .....</b>	<b>67</b>
Conto de fadas moderno .....	67
O inferno são os outros?.....	68
<b>Maria Fernanda Ferreira Lopes.....</b>	<b>69</b>
Recomeços.....	69
Decidida .....	70
<b>Aparecida Maria Alves Ferreira.....</b>	<b>71</b>
Minha história.....	71
<b>Luan da Silva Moreno .....</b>	<b>73</b>
Das Poesias .....	73
<b>Aparecida Ferreira Luis Galdino.....</b>	<b>75</b>
Aprendendo e aprimorando.....	75
<b>Camila Lazarotto.....</b>	<b>77</b>
Grandiosa Lua.....	77
<b>Andreia Romfim Gobbi .....</b>	<b>79</b>
Super traje.....	79
<b>Simone de Sousa Naedzold .....</b>	<b>81</b>
O encantador de borboletas IV .....	81
<b>Luciene Constantino.....</b>	<b>83</b>
Sobre a Vida.....	83
<b>Sérgio Alessandro Soares Fragoso .....</b>	<b>85</b>
Fogo no gramado .....	85

<b>Jacinaila Louriana Ferreira .....</b>	<b>89</b>
Era uma vez.....	89
<b>Manoel Rodrigues Leite .....</b>	<b>93</b>
O ouro que eu não garimpei.....	93

## **Ao Leitor**

*É com satisfação que vemos o interesse de intelectuais de toda região participarem das Antologias de Escritores.*

*Quero dar um destaque especial para este de número 4, que homenageia a imortal da Academia Sinopense de Ciências e Letras, Leni Chiarello Ziliotto. Ela já nos deslumbrou com muitas obras de diversos gêneros literários.*

*Homenageou as senhoras pioneiras de Nova Mutum. E num memorável lançamento, em Sinop, O Brilho das Estrelas Imortais. Merece destaque especial SAGA de GIGANTES, lançado simultaneamente na ASCL e na Biblioteca Brasileira de Nova Iorque.*

*Leni soube migrar para o campo da literatura infantil com muita presteza e como poeta/poetisa ficou ainda mais gostosa de ler. Ela nos enriqueceu com muitas obras na cultura e educação.*

*Seu vernáculo é invariavelmente eskorreito e elegante.*

**Ireneu Bruno Jaeger**  
**Escritor**





## **NOSSA HISTÓRIA NOSSOS ESCRITORES**



**Leni Chiarello Ziliotto**

Leni é natural de Guaporé-RS. Residiu em Passo Fundo-RS, em Serafina Corrêa-RS e em Nova Mutum-MT. Atualmente, reside em Sinop-MT. É mestre em Gestão e Auditoria Ambiental e especialista em Educação Ambiental, em Supervisão Escolar e em EaD. É bióloga, palestrante e escritora, com treze obras publicadas e várias participações em

coletâneas. É curadora para exposições e coordenadora de projetos em audiovisual. Fundou a cadeira 21 na Academia Sinopense de Ciências e Letras, com Érico Veríssimo seu Patrono. Recebeu duas “Moções de Aplauso” e a “Comenda Colonizador Ênio Pepino” da Casa Legislativa de Sinop, e o título de “Cidadã Mato-grossense” da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, pela contribuição das suas obras à leitura, à literatura e à cultura mato-grossense. Casada com Altamir Ziliotto, tem quatro filhos: Altamir Junior, Fernanda, Camila (in memória) e Virgínio; e cinco netos: Artur, Davi, André, Antonela e Afonso. Segundo seus leitores, a escrita de Leni em suas obras literárias é capaz de dialogar bem com qualquer faixa etária e é uma leitura que prende até o final, uma escrita leve e um enredo simples, cujo cenário é alternativo e próximo da realidade, provando ser uma literatura particular e inovadora que traz representatividade tanto para as crianças e os jovens quanto para os adultos. É possível acompanhar a trajetória literária de Leni, em seu blog pessoal:

**<http://lenichiarello.blospot.com>** e em seu canal no youtube **Leni Zilioto**.

## *OBRAS PUBLICADAS*

### **Independentes**

- Metamorfose – poemas. Também traduzido para o italiano, Metamorfosi. 2001
- Mosaico de Palavras – poemas. 2004
- Sonhos Vividos – poemas. E-book 2005
- Amor meu sol – poemas. 2006
- Sabores – poemas. 2008
- Mosaico de Palavras – poemas. 2ª ed. 2010
- Carolina fechou uma porta – 1ª ed. 2011
- Carolina fechou uma porta – 2ª ed. 2012
- Carolina fechou uma porta – 3ª ed. 2012
- Carolina Conectada – prosa. 2013
- O Brilho de Estrelas Imortais – Vol. 1 – Narrativa e poesia. 2014
- As Cores e os Amores – Poemas. 2015
- O Brilho de Estrelas Imortais – Vol. 2 – Narrativa e poesia. 2017
- Uma floresta, uma menina e um manequim – ficção infanto-juvenil. 2017
- As Cores e os Amores – Poemas. 2ª ed. 2017
- Uma floresta, uma menina e um manequim – 2ª ed. 2018
- Saga de Gigantes – Ficção. 2018
- Saga de Gigantes – Ficção. 2ª ed. 2018
- Nossa Senhora Mãe da Juventude – Depoimento. 2018

- Nossa Senhora Mãe da Juventude – 2ª ed. 2019
- Uma floresta, uma menina e um manequim – 3ª ed. 2019
- Uma floresta, uma menina e um manequim traduzido para o inglês – 2019

## **Participação em coletâneas**

- Antologia Scortecci;
- Voo Independente AGEI (6 edições);
- Tempo Definido;
- Tempo de Poesia;
- Livre Pensador;
- Antologia Poética AVBL (2 edições);
- Antologia Literária Virtualismo (4 edições);
- Antologia Internacional Roda-Mundo, Roda-Gigante (5 edições);
- Delicatta;
- Poetas Em/Cena;
- Poesia em movimento;
- Encontros e Desencontros Hoje;
- O Homem, O Projeto de Mundo (em Principado de Liechtenstein);
- O Silêncio das Palavras;
- Revista LiteraLivre;
- Revista Pixé (4 edições).
- Antologia de Escritores Contemporâneos (3 edições)

## **Organização de obras**

Gestão Escolar – Artigos (2005);  
Hai Cais Antologia – E-book (2005);  
Contos de Fadas Contemporâneos – E-book  
(2005);  
Psicopedagogia Vol. I e Vol. II - Artigos  
(2006);  
Poemas e contos (2016).  
Ser de Visão – Vol. 1 e 2 – (2017 e 2019).

### **Exposições**

Interculturalidade

Pioneirismo

As Cores e os Amores

Desbravar a terra e promover a vida (Edital de  
Seleção Pública Circula MT 2016)

### **Cinema**

Festival de Cinema Regina Pacis (3 edições)

Cinema no Mato – polo Sinop/MT

# Falando com nossa homenageada

**LENI ZILIOTO**

## **1 - AL: Como foi o seu primeiro contato com a literatura?**

**R: Leni:** Minha mãe, professora, e meu professor nos anos iniciais da escola, com os clássicos: Chapeuzinho Vermelho, A Cinderela, A Lebre e a Tartaruga, e outros. Lembro, que à época, anos 70, as escolas do interior, no Rio Grande do Sul, recebiam das Secretarias de Educação os livros de leitura com um flanelógrafo e as imagens dos personagens em feltro, com lixa no seu verso, para o professor ir colocando as imagens no flanelógrafo à medida que ia contando a história. Um tipo de Youtube da época (risos). O dia que professora contava história era meu dia preferido de aula.

## **2 - AL: Desde quando a senhora escreve literatura?**

**R: Leni:** tenho registros em caderninhos e agendas desde meus 12 anos de idade, quando fui matriculada em um Colégio Confessional Católico em Casca, no RS, e com medo de que as irmãs encontrassem meus poemas, eu escrevia poemas para Jesus. Já aos 15 anos tenho registros dos meus primeiros poemas de amor, de paixão, próprio de adolescente.

### **3 - AL: Fale-nos um pouco do seu trajeto literário.**

**R: Leni:** Então, desde que me lembro, escrevo. Ao mesmo tempo, a cultura sulista de descendência italiana, pautada em valores mais preponderantes como estudar, trabalhar, ganhar bastante dinheiro, comprar sua casa, construir sua linda família. Essa cultura, além do contexto sul e descendência, tem a questão tempo/época, ou seja, anos 70 e início de 80. Por isso, eu estudei, cursei faculdade, me profissionalizei, me estabeleci como profissional da educação, casei, construímos nossa casa e tivemos nossos filhos. Tudo como manda o figurino. O que o figurino não dizia e eu mesmo assim fui fazendo, foi escrever. Aluna na faculdade, namorando, trabalhando, tendo os filhos, fui rabiscando agendas, cadernos, guardanapos de papel, onde eu pudesse, registrava meus pensamentos que sufocavam e eu tinha que soltá-los para não explodir (ou implodir). Poemas. Basicamente poemas. Minha filha Fernanda e minha amiga Stela Maris, em um dos meus aniversários, me deram de presente um CD com músicas do John Lennon e um poema escrito na capa do CD. Ao ler o poema, fiquei intrigada, dizendo, "eu conheço esse poema, mas não lembro de quem é". Até as duas revelarem que mexeram em meus escritos e decidiram colocar um poema meu na capa do CD. Disseram mais: "você deve

publicar um livro com esses seus poemas”. Aquilo ficou latente até o dia que decidi, então, transformar os “rabiscos” em livro. Isso foi em 2001, quando lancei meu primeiro livro, *Metamorfose*, que foi traduzido para o italiano, *Metamorfosi*, na Jornada Nacional de Literatura em Passo Fundo, oportunidade que tive de fazer coro com Afonso Romano de Santana, Matha Medeiros, Marina Colassanti, Ziraldo e Inácio de Loyola Brandão. Acredito que com padrinhos desse gabarito, foi um início abençoado. Ao lançar meu primeiro livro, me propus ao desafio de, ser escritora, lançar no mínimo um livro a cada dois anos. O ritmo não seguiu essa lógica, demorando três para lançar o segundo. Em contrapartida, a partir de 2010 foi praticamente um livro por ano e, a partir de 2017, mais de um livro por ano. *Mosaico de Palavras* foi lançado na Feira do Livro de Porto Alegre no mesmo palco de autógrafos, ao lado do Patrono da Feira, Armindo Trevisan. *Amor Meu Sol*, também na feira do Livro de POA, foi no palco de autógrafos ao lado de Rubem Alves. Trocamos nossas obras. Emocionante para uma escritora e educadora! Entre as Jornadas de Literatura em Passo Fundo e as Feiras do Livro de Porto Alegre, fui construindo meu caminho literário, até chegar a Nova Mutum, em 2011, onde lancei meu primeiro livro em Mato Grosso, *Carolina Fechou uma Porta*, que foi para três edições em um ano e lançado na Biblioteca Nacional de Nova Iorque, sob a curadoria do



Professor Dr. Domício Coutinho. Em Nova Mutum lancei também Carolina Conectada e o livro das mulheres, O Brilho de Estrelas Imortais Volume 1 (2014), projeto estendido para Sinop com o Volume 2 (2017). Ao fixar residência em Sinop, lancei em 2015 meu primeiro livro na cidade, onde atualmente me brinda com essa honrosa homenagem e fui admitida na Academia Sinopense de Ciências e Letras, ao qual sou muito grata. Desde então, minha trajetória literária tem base, apoio, sustento, inspiração, ambientação, enfim, além da imaginação, o cenário do norte mato-grossense, especialmente Sinop e região.

**4 - AL: Como é o seu processo de escrita? Uma vez que você compilou notas suficientes, é difícil começar? Como você se move da pesquisa para a escrita?**

**R: Leni:** Eu acredito e prezo pela boa escrita. Ou seja, que o escritor, no mínimo seja leitor. Eu lembro que ao entrar para a sexta série do ginásio, ao ter acesso a uma gigantesca biblioteca no colégio em Casca, eu devorava livros. Acredito que eu lia mais de 4 livros por mês. Lembro-me que em uma gincana escolar, o desafio era responder à pergunta: Quem é o autor do livro "Olhai os Lírios do Campo"? Eu me levantei na arquibancada onde havia mais de 500 alunos e, de forma natural, respondi: Érico Veríssimo! O ginásio fez silêncio, porque ninguém mais respondeu.

Eu acredito que se não a única, eram poucos que sabiam responder. Lembro-me que à época até eu me surpreendi, porque eu achava que quase todos saberiam responder, ou seja, ler deveria ser um hábito de todos. Ao cursar ensino médio em Guaporé, também em uma grande escola de freiras e responsável pela biblioteca, eu lia coleções inteiras, especialmente os proibidos, como Jorge Amado (se a freira, Irmã Palmira, estiver ainda viva, saberá que infringi essa norma). Eram proibidos e eu deveria escondê-los para os alunos não lerem. Aí então que eu lia e dava para meus amigos lerem. O que eu quero dizer com isso, que a maior formação de um escritor, é a leitura. Já, formação acadêmica, não tenho. Sou Bióloga com especialização em Educação Ambiental e Mestrado em Gestão e Auditoria Ambiental. Cursos específicos, nunca fiz. Deveria fazer? Acredito que sim, melhoraria ainda mais minha escrita. Ao mesmo tempo, ao ler meus poemas escritos aos meus 12/13 anos, me faz acreditar que Platão me define um pouco quando diz que poeta é por vocação e não por formação. Haja vista Pablo Neruda e Vinicius de Moraes que, acredito tiveram a vocação e a formação pela leitura, não necessariamente acadêmica. Esses dois são meus gurus na poesia, além de Elisa Lucinda e Afonso Romano de Santana. Percebo que me identifico com eles, mas não os leio para escrever como eles. Ou seja, gosto do estilo

deles, li e leio seus poemas, mas não os utilizo para escrever os meus poemas. É diferente, não sei bem explicar isso. Em 2006, quando viajei ao Chile, conheci os jardins e a casa (inclusive a parte interna) de Pablo Neruda, em Santiago; tem fotos do Vinicius na parede do escritório dele. Foi uma experiência quase que sagrada. Em meus livros biográficos, não há interferência minha; é fidedigno à entrevista dos personagens, em respeito à proposta: sua história de vida. Obviamente que eu dou um jeito de fazer a poesia aparecer, escrevendo um poema para a pessoa entrevistada. Até no meu livro infantil tem poesia. Também, arrisquei um estilo jornalístico em um livro encomendado por um padre sobre a devoção Nossa Senhora Mãe da Juventude. Não sei se deu certo; quem deve dizer é o leitor (risos). Agora, acredito que para responder efetivamente à pergunta que é sobre o processo de criação, devo dizer que eu leio, estudo, pesquiso, entrevisto, mas minha inspiração são dois elementos básicos: a noite e a natureza. A natureza, de dia, claro. Quando eu me conecto com a natureza, preciso estar munida de papel e caneta. E a noite, acompanhada por vinho tinto seco e chocolate, eu organizo as ideias, os estudos, as pesquisas, as inspirações, os Vinicius e os Nerudas que baixam em mim para produzir. Acredito que se eu tiver que ter meu escritório de escrita,

funcionaria à noite ou ao ar livre, com muito verde ou mar.

**5 - AL: De onde vêm suas ideias? Há um conjunto de hábitos que você cultiva para se manter criativa? Como funciona o seu processo de criação?**

**R: Leni:** Poxa, eu acredito que uma parte da resposta está na questão anterior. O que eu posso acrescentar aqui, aproveitando o espaço, é dizer que o hábito de comprar livros é um, o de ler muito é outro, e escrever mais ainda é outro. Antes, muita caneta e cadernos. Hoje o computador. Leio. Leio. Leio. Escrevo. Escrevo. Escrevo. Além disso, uma proposta de não passar mais de uma semana sem escrever algo que seja conteúdo para um de meus próximos livros. E nesses momentos de escrita, a natureza, a noite, o vinho tinto seco e o chocolate ou um café com biscoitinhos miúdos que caibam inteiros na boca. Vícios, não mais do que a literatura, por quem sou apaixonada. Ah, e música. Fundo musical de saxofone. Acho o saxofone um instrumento musical completo, inspirador, imponente e ao mesmo tempo suave. Um poema!

**6 - AL: Quantas vezes você revisa seus textos antes de sentir que eles estão prontos? Você mostra seus trabalhos para outras pessoas antes de publicá-los?**

**R: Leni:** Reviso e reescrevo várias vezes. Algumas vezes eu até paro de revisar, porque a cada leitura, algo se modifica. E isso é normal, porque não somos mais os mesmos do momento anterior. Como disse alguém, que não lembro quem disse, “homem e rio nunca são o mesmo”. No momento seguinte você já é outra pessoa, outros sentimentos, no mínimo mais evoluído. Então, eu reviso várias vezes sim, mas há um momento que é preciso parar para não perder a essência. Sempre mostro a alguém antes de enviar à editora. A opinião de pessoas que eu considero relevantes para meu trabalho, leem meus escritos antes de serem publicados. Desde o primeiro, lá em 2001, que foi até inusitado. Eu precisava de um parecer, além da minha filha e minha amiga Stela Maris, lógico. Então, na cidadezinha onde eu morava, havia na época ainda o costume do “médico da família”. Ou seja, o médico, amigo da família, era o que atendia o telefone até às madrugadas se fosse necessário. O da minha família era o Dr. Roberto Arroque, que prefaciou meu primeiro livro lançado em Sinop, *As Cores e os Amores*, e é irmão da Maria Amélia Arroque que ilustrou o livro, juntamente com o artista plástico cuiabano, Adriano Ferreira. Na cidade, à época, considerei o Dr. Roberto a pessoa ideal, cujo nível cultural é acima da média, pelas vezes que tive oportunidade de conversar com ele em atendimentos clínicos e em encontros de

família. Ao me devolver o boneco revisado, constatei que ele não havia feito nenhuma observação, nenhuma ressalva. Então o questionei, perguntando se ele não considerou que nossa cidade era pequena, de cultura ultra conservadora, que eu era casada, com filhos, professora e diretora de escola, e havia poemas cuja interpretação poderia ser mais julgamento do que leitura de poesia. A resposta dele foi: "Você quer escrever para Serafina Corrêa ou para o mundo?" Decidi publicar sem mexer em nada. E deu certo. Sei que sou lida no mundo, porque minha experiência em Nova Iorque foi maravilhosa, onde foi lançado também, em 2018, outro livro, em conexão online com Sinop. Uma experiência inusitada para quem participou. Agora meu livro infantil foi traduzido para o inglês e já está sendo distribuído na Europa. Esse conceito de "escrever para o mundo" foi importante recebê-lo no início, pois me manteve nessa energia, de escrever para o mundo. Se o meu vizinho de porta não gostar, quem mora do outro lado do oceano poderá gostar. Jamais conseguiremos agradar a todos e críticas sempre haverá. Pra frente que atrás vem gente (risos)!

## **7 - AL: Quais escritores influenciaram o seu processo de criação literária, desde o início?**

**R: Leni:** Eu acredito que escritores não me influenciam. Eu tenho meu próprio estilo. Não

me apego muito a escrever desse ou daquele modo/estilo. Como disse anteriormente, eu gosto de ler e da forma com que alguns escritores escrevem, como os que li bastante e já citei: Érico Veríssimo, Jorge Amado, Vinícius de Moraes e Pablo Neruda. Gosto bastante também e li muito na minha juventude, Khalil Gibran, Júlio Verner, Eduardo Galeano, Leiv Tolstói, Martha Medeiros, Elisa Lucinda, Adélia Prado. Conheci aqui em Mato Grosso o apaixonante Manoel de Barros e li um livro do Eduardo Mahon, cuiabano, que me agradou sua escrita. Há outros, com certeza, que não me vem à memória agora e muitos outros que eu leio porque gosto; obviamente se tornam referência para a boa escrita, não necessariamente o mesmo estilo.

## **8 - AL: Quais são os seus próximos projetos literários?**

**R: Leni:** Essa é uma pergunta interessante. Meu maior projeto, por isso a longo prazo, é escrever um romance. Talvez por ter assistido a muitos filmes e lido muitos romances, eu idealizo até o ambiente em que eu vou estar para escrevê-lo. É bem peculiar. Para isso, eu devo me liberar de alguns compromissos ainda hoje necessários. Já a curto prazo são vários os projetos. Entre eles, concluir a série de livros infantis, que é de 5 volumes e só escrevi 1; uma antologia pessoal, com poemas escolhidos entre todos os livros que já

publiquei até o momento – quem sabe esse seja o bônus que ganharei da Ações Literárias por participar por 12 meses no projeto; seguir registrando a saga das guerreiras pioneiras de Sinop.

### **9 - AL: Quais são seus escritores / livros favoritos?**

**R: Leni:** Acredito que favoritismo é um tanto quanto segregador. Prefiro dizer que são meus amigos porque me vem à memória com mais facilidade. Então, dos que citei, posso dizer que gosto bastante do Tolstói, do Gibran e da Martha Medeiros.

### **10 - AL: Qual obra sua que você gostaria de destacar?**

**R: Leni:** Opa, pergunta que todos fazem, inclusive em entrevistas ao vivo, na televisão. Essa pergunta é boa e deve ser feita, porque é uma real curiosidade do público leitor e deve ser dada a resposta autêntica de cada escritor. A minha é dizer que, para mim, é como se perguntassem qual é meu filho preferido. Não há. Cada um é um e com seu igual valor e amor dedicado. Amo todos. Os brancos, os ruivos, os morenos, os de cabelo longo, os carecas, os calminhos, os hiperativos. Para quem tem filhos acredito que entenderá. Filho é filho. E livro é livro. Já, o que está dando bastante bandeira, se exhibe e está de vento em popa é o infantil, cujo enredo é a história de 3 meninas que moram



na roça e uma delas tem medo de manequim de loja. Esse é o volume 1, que termina provocando o leitor para lei o volume 2, que ainda não escrevi, onde as meninas e sua família deixarão a roça para morar na cidade. Já tenho os personagens e o enredo. Falta registrar e publicar. Acredito que esse livro está em evidência também por suas aquarelas, coloridas e vivas, criadas na essência do texto pela ilustradora dos meus livros desde 2001 e que tem a habilidade do traço e o dom da interpretação do texto escrito em imagem, Adriana Maria Cofcewicz, arte-educadora e amiga, do Rio Grande do Sul

**11 – AL: O que você acha que mudou no seu processo de escrita ao longo dos anos? O que você diria a si mesma se pudesse voltar à escrita de seus primeiros textos?**

**R: Leni:** O que melhorou foi visivelmente a estrutura dos textos e o conteúdo, cada vez mais complexo e reflexivo. Como falei, nunca somos os mesmos; o meu momento seguinte já sou outra pessoa. Já o mudar o que escrevi, jamais. Se o fizesse, não teríamos a oportunidade de testemunhar a caminhada. E a caminhada é o sentido de tudo. Obviamente que isso é diferente de dizer que, se eu pegar agora os mesmos poemas, eu não os modificarei em alguma coisa. Tenho certeza que sim, pelo argumento anterior. Que eu acredito que acontecerá em minha antologia

pessoal. Mas, na essência, naquela edição, nada eu mudaria. Lá eu me vejo cru, verde, amadurecendo, evoluindo. E ver isso é por si só um aprendizado, com sua própria obra.

## **12 - AL: Qual dica você deixaria para escritores iniciantes, com base em suas próprias experiências?**

**R: Leni:** Fiz essa pergunta para Lya Luft, em 1983, na 1ª Jornada de Literatura de Passo Fundo, quando hospedamos escritores em nossas casas a fim de viabilizar o evento. São lembranças marcantes, e essa pergunta me remete àquele momento. Lya respondeu: “Escreva! Não pare de escrever”. Eu não entendi muito bem na hora, porque foi uma resposta nada prática. Hoje eu compreendo. Chegou o tempo delas. Ou seja, para quem quer ser escritor, escreva. Isso é fundamental. O tempo/momento de publicar, aparece. Já, se eu puder acrescentar algo, com base em minha caminhada e ao mesmo tempo conhecimento do mercado literário, inicie participando de coletâneas, como essa. Por isso eu parabeno a iniciativa da Ações Literárias. Essa proposta poderá se tornar uma pista de decolagem para muitos escritores até então no anonimato. Perceba que, para isso, você precisa ter escritos. Ou seja, se dei a dica de participar de coletâneas, você precisa ter produto. E, obviamente o básico: leia! Leia muito. A leitura é o melhor professor do escritor. Veja que eu disse “a

leitura”, não “outros escritores”. Porque, cada um deve construir sua literatura, seu estilo, seu conteúdo seu “livro/ poema/ conto/ romance”. Ele não precisa, e acho que nem deve, se parecer com o de fulano ou ciclano. Seja você! Com essa dica de publicar em Antologias, quem sabe você não demore tanto quanto eu entre a dica da Lya Luft e a publicação do meu 1º livro que foi quase 20 anos.



# Poemas de Leni Zilioto

Poemas são construções  
que faço  
quando as emoções  
não cabem mais  
em meu peito!

## Paz

Geneticamente, mult descendência  
misturada ao ambiente tropical  
e à cultura caliente, latina,  
é uma bomba relógio,  
nas mulheres.

O tempo dessa bomba chegou,  
o fio acabou e as mulheres,  
que seguraram essa, engolindo cores,  
vontades, liberdades; soltaram a corda,  
porque não cabe mais na mão,  
queimou tudo, acabou  
e a bomba está explodindo.

Não é uma explosão repentina e destrutiva.  
É uma explosão em ritmo compassado,  
uma bomba que se abre aos poucos,  
que anda de salto alto  
e vai conquistando as ruas,  
os trabalhos, as casas, os maridos, os  
homens.

Sem pudores, se entregam, se pintam,  
se embelezam, se fodem, caem, se  
levantam,  
seguem em frente e dançam a música dos  
tempos,  
com a facilidade de matriarca, que já foi  
ancestral.

Uma leve dificuldade, às vezes: a  
dosagem.  
Algumas ainda ficam na clausura,  
ligadas ao romantismo da mulher ideal e  
levando chifres.  
Outras passam o limite atropelando seu  
homem e a paz.  
Outras ainda, são sensatas, inteligentes  
dominam, com maestria, o que nasceram  
para fazer,  
mantendo a mulher ideal para os homens  
e ressurgindo como mulher ideal para si  
mesma.

A nova mulher prova tudo,  
pratica o que a cultura ainda estabelecida  
exige,  
ao mesmo tempo que vive. Sua  
feminilidade,  
sua sede de liberdade.

Pode ser hipócrita.  
Como também pode ser estratégica.  
O julgamento dessa atitude soa estudos  
para especialistas.  
Poder-se-ia dizer, uma liberdade e uma  
santidade velada.  
E as mais audaciosas, que encaram,  
declaram, assumem publicamente e, por  
isso,  
administram os preconceitos.  
A bomba mulher,  
ao bancar-se financeiramente,

dá a mínima para os julgamentos,  
para os apontamentos, e,  
com a coragem de super-heroínas,  
declaram ao mundo sua vez.  
Em palavras, em músicas, em telas,  
Em nada de novelas!  
A vida real é que é delas.

Por fim, não se pode esquecer das  
revoltadas,  
vingativas, raivosas, que embarcam  
nessa *tsunami* do contexto e “descem a  
ripa”,  
se drogam, pegam em armas, abandonam  
os filhos,  
se prostituem por vingança do seu próprio  
corpo,  
por terem nascido mulheres, femininas.

Haverá, em breve, muito breve,  
o tempo do equilíbrio.  
O vulcão mulher, derramado,  
de cinzas à fertilidade da terra, será paz.  
É a essência.



## Honestidade e trabalho

Nossos passos abriam caminhos,  
devastamos florestas, cerradões;  
hoje lhe dou uma flor, sem espinhos.  
e de azul vou pintar corações.

Nesta terra, há almas iguais à minha.  
Em cada canto, há um homem, uma mulher,  
sonhando.  
Entre riso ou pranto, jovens caminham.  
Seres que os jardins vão perfumando.

São Nerudas, Fernandes ou Lygias correndo;  
no vagar do tempo e, ao embalo do vento,  
saúdam  
picos e vales na imensidão do cerrado. Filhos  
alados.  
Amados. Saúdam o ouro da terra e, por  
vezes,  
há tempo, miúdo, para o pôr do sol dourado.

Entre a reforma da terra, há a reforma do  
homem.  
Como se, para os dois, ela fosse necessária.  
Capital humano usado em manobras do  
estado.  
E a juventude de moços, arada na terra que,  
involuntariamente, cobre, cuidadosa-  
agressivamente,  
o viço de cútis femininas.

Entra, céu azul dos teus olhos! Para minha  
paz.  
Para que cidades, crescentes,  
não cinzem tão cedo a minha estadia. O vinho  
tinto e a lua  
namoram e pedem verdes e cheiro de mato,  
ainda que  
misturados às luzes urbanas e às alegrias que  
não cabem  
em mim, enquanto minhas palavras ocupam o  
mundo – meu mundo.

Faça-se em mim, cá tão distante, as vontades  
do sim.  
Do meu sim!

## **Filhos**

Da essência, da raiz.  
Uma vida, uma matriz.  
O amor encarnou-se  
para ser feliz.  
Eu quis!

## **Time**

Já fiz  
Coro  
Com tudo  
Com todos  
Contudo  
Agora  
Mário Quintana  
(passarinho!)

## **Dia de chuva**

Gosto  
De vinho  
E chocolate amargo  
E rosas vermelhas  
E uvas  
E chuva (no corpo)  
Estou precisando  
De vinho  
De chocolate ao leite  
De uma flor  
De morangos  
De mar  
De você (em mim)

## **Essencialmente mulher**

Eu falei.  
Ela chega, chegando.  
Causando até.  
Tipo assim, eu existo!  
E isso basta.  
Nossa! Quem é ela?  
Tem presença.  
Marca presença.  
E não é nem bonita.  
É presença. Ponto!  
O que ela tem?  
Amanhã!

## **Padrões**

Cansado do castelo que construiu,  
o rei fugiu. Distanciou-se  
e encontrou-se com ela.  
Era para ser diversão.  
Na areia da praia  
desenharam um coração.  
Correndo da chuva feito meninos.  
... o mundo eram eles!  
O sino tocou, fundo na alma.  
E o rei voltou. A ser o mesmo.  
Preso em seus castelos.  
Sonhou!

## **Fases**

Em momentos de  
germinação,  
é dor e  
contemplação.  
A ação é estéril  
ou assassina.  
A vida é mais,  
em muito.  
Do que foi  
escrito, saudade!  
Nas páginas em  
branco,  
esperança!

## Migrante

Descerrei todas as ventanas.  
Portais, também!  
Os quarenta graus, orifícios dérmicos  
adentro. Acesa, a esperança, e muito mais.  
Entre a chuva de outono e a da primavera,  
os meses sangram, secam.  
Evaporam-se vida e vontades.  
Inclusive a noite!  
E a boemia... Ah!!!!  
A raiz, o germe, a fonte ...  
firme, vivos, muito vivos.  
Migrantes esperam a chuva.  
Hoje, eu acordei e sorri em lembranças!  
Aromas de domingo.  
Descerrei todas as ventanas.  
Portais, também!  
Minha terra natal entrou.  
Com aromas de domingo. E bolo de laranja.  
Senti um vento quase que frio.  
Eu sabia: nevou lá em casa!  
... "Lá" em casa ...

*Escritores*



*Contemporâneos*

*„A leitura deve ser vista não como um amontoar de informações, mas como uma atitude que exercita o pensamento e propicia autonomia do conhecimento. “*

*Monteiro Lobato*



## **Rito de passagem**

As folhas da vida  
**Farfalham** com as gotas  
Molhadas da leve chuva  
Do fim da estação.

As falhas do tempo  
**Colhem** as derrotas,  
Mas também ilham  
As vitórias esquecidas.

Só as escolhas lúcidas  
Não estouram nesta bolha  
E **brilham** quando todos  
Comemoram o fim da tempestade.

## Ocaso

Me persegue um ente  
amargo,  
triste e  
forte

Traz junto um gesto  
Largo que  
anteviste a  
sorte

É um frio que anda em mim  
e corta  
e grita  
sem largar

Um mal da vida tênue que surge feito uma  
aorta  
retorcida  
e então purgar

Meus olhos me dizem que é a  
Morte

Bate à minha porta e me diz que eu seja  
Forte.

## **Razões para amar**

Se hoje eu te amo  
É porque a cada dia  
Encontro motivos para amar  
Nem eu sei ao certo  
O que fez esse amor despertar

Só sei que amo  
Amo do jeito que és  
De uma forma suave  
Genuíno  
Como a brisa ao vento  
Superando todos os significados  
E qualquer regulamento

É autêntico  
É de corpo  
Alma  
Coração  
É o verdadeiro sentido  
De amar

Capaz de compreender  
De ser gentil  
Ser belo  
Ser generoso  
Ser soberano  
De superar tudo em si mesmo  
Capaz de ultrapassar  
As mil e uma formas de amar.

## Saudades sem fim

No momento marcado  
O avião decolou  
O até breve foi alçado  
E do meu amado  
A quilômetros de distância  
Me deixou

Do meu louco desejo  
Agora acordada a sonhar  
Dias e noites  
A recordar  
Do toque das mãos  
Dos Beijos ardentes  
Dos abraços envolventes  
Transformando-se  
Num tecer sincronizado  
No jogo da paixão

O homem dos meus sonhos  
Na multidão vivo a buscar  
A alegria  
Da sua presença  
E sem perceber  
Sozinha  
Me percebo rindo em devaneios  
Sem cessar

Embalada em nostalgia  
Que a muito tempo não se via  
Igual ao compasso  
De uma valsa em suave melodia  
Acreditando firmemente  
De outro dia  
Poder estar em sua companhia

# Mafalda Moreno

Várzea Grande MT.

## Aos professores

Meus queridos professores

Nossa missão é ensinar.

Mostrar ao mundo que temos,

O dom de compartilhar.

Ser firme na nossa luta,  
Em prol da nobre missão,  
De levar o ensinamento  
A toda população.

Transmitir a educação  
Ensinando sempre mais  
Cumprir a nossa missão  
Desde as séries iniciais.

Usar nossa inteligência  
Ser ético ao mediar,  
Usar bondade e carinho  
No momento de ensinar.

Tratar as nossas crianças  
Com toda dedicação.  
Transmitir-lhes confiança  
É a nossa obrigação.

Sermos sempre prestativos  
Sem nunca esmorecer.  
Pois serviremos de exemplo  
Pra eles, quando crescer.

Termos uma vida digna  
Cumprindo o nosso dever.  
Assim seremos felizes  
E, em paz nós vamos viver.

# Josiane Domeni Lima

Alta Floresta - MT

## Ela

Ela acorda  
Respira fundo  
"mais um dia"  
Não está feliz.  
Não está triste.  
Talvez confusa,  
Talvez sem ânimo,  
Talvez desacreditada da vida.

Ela já esperou tantas coisas da vida  
Que um dia até acreditou ser feliz.  
Sonhava com um amor eterno.  
Sonhava com amigos leais.  
Acreditava em conto de fadas,  
Num mundo sem riscos.

Ela despertou dos sonhos.  
Um tapa a vida lhe deu.  
Partiu seu coração no amor,

Decepcionou-se com as amizades.  
A vida mostrou o perigo  
Que ela está exposta  
Quando se acredita em pessoas  
Que de confiáveis nada tem.

Seus sonhos despedaçados  
Tornou-a uma pessoa triste.  
E, na tristeza de sua vida  
Demonstra a todos ser feliz,  
E todos os dias ao acordar  
Estampa um falso sorriso no rosto,  
Respira fundo,  
Olha para o espelho e diz:  
"Mais um dia"  
Para ser atriz!



# Andreia Miriam Laurindo

Maringá-PR

## **Maria**

Os dedos digitam rápido  
Para garantir o soldo, mês a mês  
A boca, vermelho barato  
Os olhos, rímel de camelô  
Há espaço para sonhos  
Mas o cansaço define o fim do dia  
  
Vigia a bolsa no ônibus  
Conversa de novela  
Amigas de rotina  
Cedo, descobriu a monotonia  
Nova, a opção sem escolha  
Professa uma vida feliz  
Mas reconhece sua paralisia  
Belas frases enfeitam sua lembrança  
Esperança, coragem, fé  
Conhecidas, platônicas  
Reservadas para dias ruins

A culpa?

O ritmo, o comum, a necessidade

Vilões da vida moderna

Compreendia, sem aceitar

Aceitava, sem compreender

A Maria de virtudes batalhadas

Conquista, dia a dia,

Rugas e artrite

Dinheiro e contas

Como muitas fazem

Mas como só ela entende.

**Maria Clara Flor**

Sinop-MT

9 aninhos

## **Brincadeiras**

Peteca,

Esconde-esconde,

Pega-pegas,

Passa anel,

Pula corda,

Cama de gato.

Vamos brincar?

Não sei...

O que é?

.....

TV,

Vídeo game,

Joguinhos

Obá!!!

Quanta diversão...



# **Dolores Flor**

Sinop-MT

As migalhas dos seus sentimentos  
resplandecem no encanto da beleza do seu  
íntimo.

Você nega a felicidade, sem ao menos tentar  
descobrir o valor que está dentro de si  
mesmo.

## **Analise**

De tudo que temos, podemos oferecer um pouco.

Mas, existe algo que não pode ser doado,

Vendido,

Somado,

Diminuído,

Muito menos emprestado.

O amor doado pode ser o que não

Lhe serve mais ou não fará

Falta a você...

Amor vendido é aquele que tem preço

E não há dinheiro que o possa pagar.

Somado! Não, também não pode ser somado.

Você já somou tantas coisas,

E o amor não é apenas cálculo matemático!

Diminuir, nem pensar.

Ser multiplicado?

Sim. O amor é construído com amor!

É mais que prazer,

É uma conquista,

Um dom que leva ao paraíso.

O amor é convívio, e partilhado,

É construído

Amor com amor.

# Marilene Sousa Henning

Peixoto de Azevedo-MT

## Mato Verde

O cheiro de mato verde  
Ascende em mim um cheiro de amor  
E a relva molhada exala seu olor  
E em meu deslumbramento  
Fica em mim esse cheiro  
Cheiro de que vive o amor  
Ah, como bom, viver em liberdade  
E palmilhar sobre a relva  
Para seu perfume sentir  
E de prazer, uma valsa dançar.  
E com todo esse deslumbramento  
Quero cair em teus braços  
E sentir esse cheiro de mato verde  
Quando em teus braços despertar.

## **Amar é ...**

O amor é como a chuva  
Que renova todo ser vivo  
Após cair sobre ele.  
Assim é o amor  
Precisa se renovar a cada dia.  
Por que é tão difícil entender o amor?  
Se tudo que se faz "é por amor"?  
É por isso que Camões disse,  
Que o amor é ferida que dói e não se sente!  
Sinto-me flutuando no espaço  
Por querer entender esse sentimento  
Tão profundo, que me perco em pensamentos.  
Ah! O amor é o que me governa  
Mas como posso entendê-lo  
Se nem sei mesmo como encontrá-lo?  
É a contradição, amor e perfeição!



## **Mendicância**

Mendigar é humilhante  
Mendigar um pão  
Mendigar um prato de comida  
Mendigar um emprego  
Mendigar um dinheirinho

Mais humilhante ainda  
é ter que mendigar  
um sorriso.

## **Florzinha**

Meu primeiro passaporte  
para a vida  
foi o Grupo Escolar.  
Gostava de trocar merenda  
com uma menininha  
não olvido que  
tinha uma florzinha  
na minha.  
Um dia ela pisou  
no meu pé  
nem doeu nada

## **Retrovisor**

Quando espiei  
pelo retrovisor  
vi o anjo de saia rodada  
dizer o meu nome.  
Acelerei e senti  
o perfume  
das flores do campo  
entrarem pelos meus  
óculos.  
E o passarinho brejeiro  
afirmou:  
- **Bem – que – eu – vi.**

**Leia-me**

Vivo escondido  
Corpo imerso  
Mente flutuante  
Ouço os pássaros  
\*\*\*\*\*

Duas bocas semelhantes  
Se beijam  
Em um dia de sol  
Os pássaros cantam  
\*\*\*\*\*

Dois corações revivem  
Se amam  
Amantes  
Os pássaros voam  
\*\*\*\*\*

Sentado aqui estou  
No meio da página  
Corro os olhos  
E me apaixono pelo meu livro.  
Feliz "Dia do Leitor"



# Josivaldo Constantino dos Santos

Sinop-MT

## **A paixão**

A paixão leva o homem a sofrer  
A sofrer a dor ingrata do amor  
Mas, por que sofrer assim, tamanha dor  
Se tudo isto se acaba ao morrer?

É impossível o homem perceber  
A grandeza, beleza e vigor  
Desse mundo que ele abandonou  
Para viver está paixão que o faz sofrer.

Por vontade, ele se tranca em seu Eu  
E se dedica a horas de torturas  
Relembrando um amor que não nasceu.

Como é possível, viver em amargura  
Será que isso não fere o peito seu?  
Oh! Pobre homem, sofrida criatura.

## **O desejo**

O desejo maltrata um coração  
Que deseja alguém e não a pode ter  
Ou esse alguém morreu ou não quer ver  
Este ser ardente de paixão.

Este desejo traz a ilusão  
De amar, sem ser amado pra valer  
De viver, sem descobrir porque viver  
De existir, sem perguntar porque razão.

Desejar, é viver na esperança  
De um dia, apoderar-se desse amor  
E os dois juntos viverem uma aliança.

E neste dia, afinal termina a dor  
Pois o desejo, transformado em confiança  
Vai transbordar no mais sublime Amor.

**Gabrielle Cristiny Oliveira Braz de Campos**

Várzea Grande-MT

### **Donde vem o Sopro**

O tempo laçado ao vento  
E as sementes lançados ao chão  
Escolhas traçados em meu peito  
Originam as colheitas que virão

Meu tempo é como um sopro  
Efemeridade em questão  
Meu futuro é semeado agora  
Trago o peso em minhas mãos

## **Tuas verdades**

Anseio conhecer o proibido  
Cravado no teu silêncio  
Mergulhar no que há escondido  
Me perder na tua verdade mais calada

Levitar nessa tua escuridão  
Me inundar do teu gosto amargo  
Passear por teus anseios mais sombrios  
Desvendar tua transparência camuflada

Desatar os teus severos embaraços  
Romper muralhas do teu impedimento  
Me inebriar da tua realidade proibida  
Solucionar tua realidade fragmentada.



# Bernadete Crecêncio Laurindo

Sinop-MT

## E por falar em ti...

Onde estás  
Que te chamo  
E não respondes?

Só o eco  
Da saudade  
Vem dizer  
Que finito  
É o tempo  
De espera,  
Que é hora  
De esquecer,  
Não tornarás.

E o vazio  
Infinito  
Que a tua  
Ausência  
Me traz  
Repete o eco  
Da minha voz  
A te chamar:  
Onde estás, onde estás, onde estás...

## **Melancolia**

Tenho saudades de amor

De abraços de amor  
De afagos de amor  
De beijos de amor

Tenho saudade de amor

De olhar de amor  
De choro de amor  
De zanga de amor

Tenho saudades de amor

De provas de amor  
De juras de amor  
De ciúmes de amor

Tenho saudades de amor!

# Amanda Lima de Oliveira

Sinop-MT

## Conto de fadas moderno

No silêncio, em sua torre  
Ela se vê, sem amor  
E ele derrama mentiras  
Assim, sem nenhum pudor  
Nem tenta mais disfarçar  
Ele não quer mais ficar,  
E ela implora, "por favor".  
Ela implora, pois não vê  
Outro modo de seguir,  
Ela está tão isolada  
Não sabe pra onde ir  
Sem ninguém pra lhe salvar,  
Ele podia ajudar,  
Mas preferiu foi partir.  
E o adeus a acordou  
Como a bela adormecida,  
Ela se viu de verdade  
Tão forte, tão destemida  
Ela é intensidade,  
Ele era só metade,  
Ela seguiu sua vida.

## **O inferno são os outros?**

Um inferno aqui dentro  
Feito de insatisfação,  
Torturando meus desejos  
Alimento uma ilusão  
De que isso vale a pena,  
Mas se a vida é pequena  
Tudo isso é em vão.

# Maria Fernanda Ferreira Lopes

Sinop-MT

## Recomeços

Primeiro dia,  
Indica um novo começo...  
Pensamentos voam...  
Recomeços!

O que mudar?  
São tantas as necessidades!  
Agradecer!  
Essa é a verdade no ar.

Respiro vontades...  
Idade,  
Respiro gratidão!  
Pelo próximo,  
Mesa farta,  
Saúde,  
Educação!

Quero é dividir...  
O pouco que tenho.  
Estender mãos...  
Coração e alma!  
Multidão de desejos...  
Ação!

## **Decidida**

Eu quero um mundo pra mim  
Para meu eu  
Minha geração  
Quero distância  
De todos  
Que não somam  
E nunca te estendem a mão

Preciso de uma cidade  
Que protege, cuida e guarda  
Aqui eu não fui feliz  
Nunca recebi  
O que fiz  
Finalmente decidi  
"Vou me embora pra Pasárgada".

# **Aparecida Maria Alves Ferreira**

Sinop-MT

## **Minha história.**

Vou contar uma historia  
De uma menina que sonhava  
Que um dia ao ser adulto  
Uma professora se tornava.

Os anos foram passando.  
Pra Sinop com os pais e irmãos se mudou  
Vindo a conhecer um moço  
E com mesmo se casou

Construiu uma família  
Dois filhos ali nasceram  
Depois deles formados  
Seus sonhos refloresceram

Aos 46 anos decidi estudar  
E com ficção o ceja foi procurar  
Pra terminar o ensino médio  
Nessa escola foi se matricular.  
Em pouco tempo se via  
A primeira etapa concluir  
Pra segunda foi um pulo  
E as portas começaram a se abrir.

Ensino médio no final  
E um sonho se aproximava, ao receber o  
certificado,

Dos olhos uma lágrima rolava.  
Tudo foi muito rápido  
Com grande determinação  
Tudo que se fazia  
Era com dedicação.

Ingressou-se numa universidade  
Com certa dificuldade  
Afiml o tempo havia passado  
já tinha uma certa idade.  
Durante os quatro anos  
Aos poucos se descobria.  
Coisas boas para a vida  
E uma professora ali nascia.  
Ela determinou  
Que aos 49 podia  
Ter feito uma faculdade  
Uma pós defendia  
No entanto conseguiu  
Essa fase conquistar  
E com uma pós-graduação esse ciclo se  
fechar.



# Luan da Silva Moreno

Várzea Grande-MT

## **Das Poesias**

Das poesias que escrevi  
Refletem todos os meus sentimentos  
De tudo que vivi  
Todos meus momentos  
Das minhas mudanças,  
Todas as estações  
Meu eu do passado,  
Presente  
E de um futuro próximo,  
Tudo em um mesmo local  
Transcritos no bloco de notas  
Que as vezes só aparecem,  
Como em o livro de Gênesis  
Outras são bem pensadas, passando  
Horas para sair a primeira linha  
Algumas com um breve final  
Outras sem final algum  
Brigando com a forma que indago.



# **Aparecida Ferreira Luis Galdino**

Nova Mutum-MT

## **Aprendendo e aprimorando**

Aprendi a andar.

Andando alcancei amizade, amei, abracei, avisei amigos, assumi atitudes; busquei brincar batendo bola, baseei o belo, bonito e barato, batuquei e belisquei; brilhei; comi caqui, caju e carambola, cavei cavernas, caminhei calada, cansada, cabisbaixa, cativei colegas, cantei, calei, corri corajosamente e depois despi-me de desânimo, determinei desafios, decidi dividir, dialoguei, dormi, duvidei e desejei, foi demais, encontrei esperança, estudei, espiei, esperei, então evitei estampidos, eduquei esperançosa, fui feliz, fiquei falando fazendo fofocas fúteis; famosos falsos felizes, foi ficando fácil falar e filmar; ganhei grana, gastei e gostei, galguei galopando grandes galerias, gritando a galera gentil, galanteios gargalháveis; hoje habito harmoniosamente horas e horas no hangar hereditário e hílar; habilidade, habitação e habitantes homogêneos e hábeis; instiguei incansavelmente indivíduos a idealizarem ideias importantes, irem à igreja, iluminar, idealizar, imaginar incondicionalmente; já à juventude jovial, joia jubilosa juntei-me jurando na janela, lendo lindos livros, lembranças legais ladearam o lar, locomovi-

me lecionei, lutei e a luzir maravilhei-me mais e mais munida de mobilidade maciça, maternal e móvel, mediei multidões sem medo e na noite norteei novas necessidades, ninei nenês, nadei naturalmente, namorei a natureza notando náufragos na neblina, nativistas nobres nervosos na névoa oravam ofertando objetivamente obediência, oferendas e ostentações olorosas para poder pedir pacificamente poderes possíveis e padronizados no pedestal da pedagogia, pechinchando pão e peixe; queriam queijo, quitutes e quibebes, questionaram quanto as querências queimadas, queixosos resolveram rabiscar ruas e rostos radiantes e reluzentes lembrando a realeza; riam repensando solitários e sorridentes sobre as sombras, subiram sossegados, serenos sem sacrificar o silêncio sagrado da selva, soldados somando sucessos e sonhos; todos trabalhando, talentosos trocando testemunhos teatrais tendo total tarefa de trazer tradutores tenazes e não trapalhões topetudos, tristes, todavia uma única união uniforme unvida urgiu utópica utilizando urbanismo na unidade universitária universal e útil; verdadeiramente viajando velozes visualizaram o vale valioso da vida vislumbrando vagalumes, vermelhos, verdes, vistosos, vivos e valentes voando vagorosamente ai vieram os xavecós xeretas xambregados zoando zumbidos, zunindo kirie, Word, Yes...

## **Grandiosa Lua**

A lua se foi, Junto a ela,  
Minha imaginação!  
Sem a lua, não há o silêncio.  
O silêncio,  
No qual de alguma forma me recomponho...

É quando a Lua chega,  
Que me vem à tona, tudo e todos  
Durante o dia me faço presente,  
Me faço contente!

E novamente, fim do dia ...  
Aqui estou eu,  
Junto ao meu verdadeiro eu  
Sentada na poltrona da sala,  
Toda descabelada

Tento me fazer sorridente,  
Procuro não lembrar da gente  
Por um segundo queria não ser eu mesma  
Talvez se eu tivesse sido menos intensa...

Um pouco mais paciente,  
Agora não estaria me sentido tão impotente!  
A minha lucidez se encontra ausente,  
Os meus sentimentos presentes.

Nesse estante, me sinto paralisada,  
Como se tivesse, anestesiada  
Meus olhos estão pesados,  
Meu coração angustiado.  
De repente um alívio se faz presente  
Como se eu tivesse apagado tudo  
infinitamente...

# Andreia Romfim Gobbi

Sinop-MT

## Super traje

E de repente, aos trinta e poucos anos eu me cansei de ser (ou parecer ser) forte o tempo todo!

E então decidi guardar meu traje de "SUPER" para me permitir sofrer, chorar, fracassar, cair...

Foi assim que guardei o meu traje de "supermulher";

Aquele que vendia a ideia de que eu precisava ser o tempo todo uma "superesposa", uma "supermãe", uma "superfilha", uma "superamiga", uma "superprofissional", uma "supercidadã" ou ter um "supercorpo".

Porque percebi que ser (ou parecer ser) forte o tempo todo não me trazia nada mais que um acúmulo de compromissos e de obrigações que amontaram em mim uma "super angústia".

E essa angústia foi se transformando em medo e foi me paralisando, me consumindo, me atormentando mais e mais, dia a dia.

**Medo de errar. Medo de não agradar.  
Medo de não mais surpreender. Medo de cair.**

E foi aí que eu percebi que nem o meu “super-traje” de “SUPER-MULHER” tinha forças para me fazer levantar de minhas quedas, tampouco para me livrar das minhas próprias angústias.

Vi que vestia-me diariamente com um “super-traje” que no fundo não tinha “super-poderes”.

Afinal, não era “super” o suficiente para defender-me quando eu mais precisei.

E então me vi a força que eu preciso para me reinventar deverá brotar no íntimo do meu coração, de forma despretensiosa e sem que eu qualquer obrigação de mostrar isso em status falsos, nas mídias sociais, para agradar a uma sociedade trivial e egoísta fingindo ser uma “super-heroína” todos os dias.

E assim, simplesmente o guardei. Talvez não o tenha aposentado para sempre, mas, sei que se eu decidir vesti-lo novamente e ele não couber no meu manequim, seja menor ou provavelmente maior do que o do dia que o guardei, estará tudo bem!

Afinal, o que guardei com meu traje, mas para sempre, foi a absurda obrigação de ser SUPER o tempo todo!



# **Simone de Sousa Naedzold**

Sinop-MT

## **O encantador de borboletas IV**

Um dia, a mãe de Júlio resolveu levá-lo perto de um lago que ficava um pouco distante de sua casa, mas bem próximo da casa de uma das avós do menino. Saíram cedo. Fora a pé. Pararam para descansar um pouco. Muito cansado, Júlio adormeceu no colo da mãe após o lanche. A mãe ficou a admirar o menino, sua única família, fruto de seu grande amor que fora morar com Deus em outras paragens.

Júlio acordou, os dois levantaram-se e continuaram a caminhada. Segundo a mãe, o destino estava bem próximo. Em menos de trinta minutos já se encontrariam às margens do lado.

Chegaram, o sol já estava a pino e os dois muito cansados. Pararam, sentaram e comeram um lanche que a mãe havia preparado para a pequena viagem. Júlio levantou e perguntou à mãe se podia molhar os pés na água. A mãe disse que sim e o menino foi. Deixou o chinelo em cima de uma pedra e arregaçou a calça. Entrou devagar na água. Estava quente em cima e gelada embaixo. A água era rasa, mas o menino estava com medo. Chamou a mãe. Esta sorriu

e levantou-se para juntar-se ao menino na beira do lago. Porém, parou para observar uma cena belíssima. Havia chovido na noite anterior e próximo à margem do lago havia uma grande quantidade de borboletas amarelas e pequenas. Voavam em bando. Júlio as viu e se aproximou delas. Elas permaneceram onde estavam sem se abalar ou assurtar com a aproximação do menino. Chegando próximo às borboletas, as mesmas o rodearam e ficaram voando ao redor do corpo de Júlio. O menino sorria alto e as borboletas que pareciam fazer cócegas na criança, sorriam também. Pelo menos essa foi a percepção da mãe de Júlio. Ela não se aproximou e também não conseguiu quantificar as borboletas. Sabia que eram muitas e que seu filho estava feliz no meio delas. Perdeu a conta do tempo que passaram, borboletas e Júlio, nesse transe. Mais tarde, o menino com os pés e pernas sujos de lama procurava o chinelo que não sabia mais em que local havia deixado. A mãe, encantada com a situação, quase nem falava. Suas lágrimas encobriram a voz e apenas conseguiu apontar para a pedra onde o menino havia deixado o chinelo. Foi neste dia que a mãe entendeu que Júlio precisava viver junto a natureza.

# Luciene Constantino

Campinas - SP

## Sobre a Vida

A VIDA É UMA DÁDIVA  
VIVER É UM GRANDE DOM  
PINTURA PRA LÁ DE RARA  
QUE CADA UM DÁ SEU TOM  
TOM ESSE, CLARO OU ESCURO  
O FINAL? É OBSCURO  
RESULTADO, NEM SEMPRE É BOM

PORÉM DEPENDE DE NÓS  
DE MIM, DE VOCÊ, DELE E DELA  
PRA DAR SENTIDO NA VIDA  
AQUARELAR ESSA TELA  
MESMO ERRANDO O DESENHO  
É O NOSSO DESEMPENHO  
QUEM PODE TORNA-LA BELA

A VIDA É UMA VIAGEM  
MUITAS VEZES TURBULENTA  
POR CERTOS CAMINHOS QUE PASSA  
O CORPO QUASE NÃO AGUENTA  
O CORPO É O PASSAGEIRO CERTO  
NESSE TREM COM RUMO INCERTO  
SÓ O FORTE É QUE ENFRENTA

SEM QUERER SER INSENSATA  
ESCUTE O QUE VOU DIZER  
UM DIA DE CADA VEZ  
É COMO DEVEMOS VIVER  
SENTINDO TODOS OS SABORES  
OS PRAZERES E AS DORES  
O ANOITECER E O AMANHECER

SÓ TEMOS UMA CERTEZA  
UM DIA IREMOS PARTIR  
PRA ONDE? NÃO FAÇO IDEIA  
NÃO TEM COMO DISSO FUGIR  
DAQUI NÃO LEVAMOS NADA  
ENTÃO, MEU AMIGO E CAMARADA  
NÃO TENHA MEDO DE SORRIR

SORRIA PARA UMA CRIANÇA  
PRA MÃE, PRO PAI, PRO IRMÃO  
EVITE GUARDAR RANCOR  
DENTRO DO SEU CORAÇÃO  
PROCURE FAZER AMIGOS  
SOLIDÃO É UM PERIGO  
PRATIQUE O DOM DO PERDÃO

O MEU NOME É LUCIENE  
UMA MULHER DESTEMIDA  
PASSEI POR CAMINHOS ESCUROS  
APRENDI MUITO COM A VIDA  
CORRI, CAÍ E LEVANTEI  
MAS NUNCA DESANIMEI  
SEMPRE PROCURO SAÍDA

E PRA VOCÊ FICA ESSA DICA  
NESSE ANO QUE SE INICIA  
QUE DEUS PAI LHE PROTEJA  
DIA E NOITE, NOITE E DIA  
PROCURE SEMPRE SORRIR  
LEVANTE QUANDO CAIR  
QUE O AMOR SEJA SEU GUIA

## **Sérgio Alessandro Soares Fragoso**

Alta Floresta-MT

### **Fogo no gramado**

Dizem que adolescentes não tem juízo, eu acreditava que tinha juízo até em demasia, pensava duas, três vezes antes de fazer alguma coisa com medo de dar algo de errado. Mas isso aconteceu há muito, muito tempo. Eu era curioso, aprendi muita coisa na vida apenas por observação e foi assim que naquele dia tentei colocar um experimento em prática.

Naquela época era comum que os sitiantes e fazendeiros de Mato Grosso colocassem fogo no pasto para depois ele brotar com força, bonito e verde. Na casa onde morávamos, havia um imenso gramado ao lado direito. Não era daquela grama de folhas estreitas e que cresce pouco, mesmo se a deixarmos muito tempo sem aparar. A grama que havia lá tinha folhas largas e crescia tanto que mais se parecia com capim. Era época de estiagem, não chovia havia

muitos dias, eu queria ver na prática se a grama nasceria viçosa se eu colocasse fogo nela.

Eu estava sozinho em casa, um prato cheio para a minha traquinagem, digo, experiência. Eu pequei uma caixa de fósforos e um balde com um pouco de água. Eu colocaria fogo na grama e depois de queimar uma pequena parte jogaria a água para apagar o fogo, então eu analisaria seu crescimento posterior. A grama estava seca, havia pouco vento, mas rapidamente o fogo começou a consumir a grama. Fiquei olhando admirado para a minha experiência, mas quando resolvi jogar a água para apagar o fogo, já era tarde demais. A água não foi o suficiente. Peguei o balde e saí correndo para buscar mais, porém a torneira não tinha muita pressão, quando retornei o fogo já tinha ganho proporções alarmantes.

Não existia nenhuma mangueira, nada que fosse capaz de apagar aquele fogo. Fiquei desesperado, com medo de que o fogo pudesse chegar muito perto e incendiar a casa que era de madeira. Saí correndo em busca

de ajuda, havia outra casa perto dali e talvez os homens que moravam lá poderiam me ajudar. Perto que eu digo é aproximadamente trezentos metros, fui até lá e disse que a grama estava pegando fogo e que estava com medo de que as chamas atingissem a casa.

Eles foram correndo até lá comigo, e na verdade, não havia muito o que ser feito. Ficamos apenas monitorando, mas o fogo não era tão alto a ponto de atingir a casa. A grama foi consumida pelo fogo, restou apenas cinza, o chão parecia pintado com carvão. Minha experiência tinha ganho proporções muito maiores do que o planejado.

Quando os homens me questionaram como aquele fogo havia começado, fiquei com medo de falar a verdade, como explicaria tamanha lambança. A uns cinquenta metros dali havia um grande monte de madeira e serragem que queimava quase ininterruptamente, eram restos da madeireira. Mas naquele dia, apenas uma pequena coluna de fumaça saía dali, foi então que eu tive a ideia.

— O vento deve ter trazido uma faísca de lá — menti descaradamente. Não havia fogo, nem vento suficiente para isso.

Mas parece que todos acreditaram na minha mentira. Não levei nenhuma bronca de meus pais e ainda me passei por herói por ter chamado os homens a fim de evitar que a casa fosse consumida pelas chamas. A grama, bem, ela ficou devastada, nunca mais se recuperou totalmente.

Até hoje isso é um segredo, mesmo quase trinta anos depois. Talvez ninguém mais se lembre desse episódio, mas se lembrarem também não tem importância. Ao menos uma coisa eu aprendi, nunca coloque fogo na grama se você não tiver um foco de incêndio por perto para colocar a culpa nele.



# Jacinaila Louriana Ferreira

Sinop-MT

## Era uma vez...

— Sofia!

Já era noite e nada da menina aparecer.

Véspera de Natal, o silêncio permeava o fim da tarde, entremeado pelo frio e a fina chuvinha caindo na grama, tive a impressão de que a música seguia o ritmo exato das gotículas de água.

É noite de família, noite de união, um dos únicos momentos em que o amor paira sobre a toda a cidade.

Continuei minha agradável procura, passei por uma rua escura, porém os enfeites natalinos se encarregavam de iluminar a passagem, encantada segui chamando por minha doce menina.

De repente, ouço aplausos, parei para observar, o movimento vinha de uma casa, cheguei perto e perguntei o que era, um jovem me disse que era um jantar beneficente para crianças carentes.

Resolvi entrar, surpresa vi uma linda jovem de vestido vermelho e um gorro de papai Noel, ela desfilava ao som das canções natalinas e o brilho dos muitos e multicoloridos piscas irradiavam ainda mais aquela doçura de seus lindos olhos, castanhos como a noite semiescura, entre um passo e outro tirava um presente daquele saco de cetim e entregava para uma das muitas crianças a sua volta.

– Mamãe, eu já estava de saída para o nosso jantar.

– Sofia meu amor, você sempre pensando no próximo antes de qualquer coisa.

Eles a amavam e a admiração era tanta que ela continuou ali por horas, enquanto eu a olhava sem cansar ou pensar no tempo.

– Vamos mamãe! Me assustei quando ela me segurou pelo braço e saímos saltitantes pelas pequenas ruas, iluminadas pelas luzes mais lindas que já vi.

Sofia desde pequena sempre foi dedicada aos estudos, amável e obediente. Ainda muito jovem entrou para a faculdade, além dos estudos ela desfila lindamente para eventos e marcas.

Meus pensamentos foram interrompidos quando ela disse:

– Chegamos!

O ar ainda estava carregado pelo cheiro do peru e do arroz com frutas que fiz mais cedo. Colocou três lugares a mesa, perguntei surpresa:

– Quem virá Sofi?

– Mamãe, hoje vou te apresentar um amigo especial, estamos nos conhecendo.

Ela arrumou caprichosamente os pratos, talheres, guardanapos e taças de cristal. Servi a mesa, colocamos um vinho para gelar, quando alguém tocou a campainha.

– Mamãe, esse é Klark!

Senti na hora que o vi o quanto era parecido com minha pequena Sofi. Klark era alto, magro, cabelos levemente encaracolados e olhos claros como de um amanhecer tranquilo e calmo. Após o jantar ele fez questão de lavar a louça, enquanto Sofia enxugava e guardava. Eles

conversavam e riam com uma naturalidade familiar.

Depois de um ano, quase formados e agora mais maduros eles se casaram, pretendem abrir uma clínica para crescer e realizar seus sonhos juntos.

Tenho um cachorrinho que me faz companhia, mas ao entardecer ele espera no portão, pois até ele sabe que Sofi virá todas as tardes nos visitar.

– Mamãe! Você sempre será o meu porto seguro...

– Sofi! Você sempre será a minha menininha com olhos de fim de tarde, os mais doces que já vi.

Agora era um dos momentos mais felizes da minha vida, a formatura da minha menininha corajosa, determinada, a guerreira que nunca fugiu da luta em busca de seus ideais.

– Mamãe vamos escolher nossos vestidos!

Depois de muita procura, escolhi um verde longo, acetinado e com mangas de delicadas rendas, pois senti que este retratava minha esperança de viver esse momento.

– Mamãe adorei!

–Você ficou ainda mais diva com esse vestido.

– Vamos mamãe, falta seu batom vermelho! Linda!

– Agora vamos! Klark nos espera.

Ela era a coisa mais linda do mundo, um vestido branco acima dos joelhos, todo forrado como pequeninas pérolas, usava ainda além do salto também forrado das pérolas cintilantes, um sobretudo da mesma cor, com seu nome gravado em letras estilo gótico dourado! Eu soletrava aquele nome, como se fosse a primeira vez...

Agora ambos eram médicos, amavam a profissão, realizados financeiramente e o melhor de tudo é que o amor entre eles era a coisa mais linda do mundo.

Um dia quando acordei encontrei um par de sapatinhos na minha cabeceira. Eu não sabia se sorria ou chorava de emoção, eles me esperavam na cozinha para o café, meu coração dava pulos de alegria, sabia que agora minha geração foi adiante, serei vovó.

Maria Clara era seu nome, olhos claros como os de Klark e a beleza encantadora de sua mãe! É um recomeço e nesse momento, ao despertar de um sonho, resolvo escrever uma poesia que perpetua em minha memória...

Me lembro quando meu ventre...  
Pela primeira vez se moveu!  
Crescia ali uma vida...  
Vida minha,  
Você e eu!

Se algum dia falhei,  
Quero te pedir perdão!  
Nenhuma ciência é capaz,  
De um dia poder explicar...  
As coisas do meu coração!

Definir meu sentimento,  
É algo quase impossível...  
Só posso dizer  
Que te amo!  
Do tamanho dos mistérios...  
Desse universo inteiro!

## Manoel Rodrigues Leite

Sinop-MT

### O ouro que eu não garimpei

Penso hoje em tanto ouro, tantas riquezas, tantas preciosidades que passaram pelas minhas mãos. Não só no início foi difícil. Na primeira vez que fui me arriscar no garimpo, recordo como frescor de água, as palavras de Zé Miranda, aquele que viria depois a se tornar meu compadre, e um grande amigo. Dizia sempre ele:

– *O garimpeiro bem sucedido não é aquele que consegue muito ouro. Mas sim que consegue desfrutar de todo ouro que peneira.*

– *Tá certo! Tá certo! Desfrutarei de cada grama, viverei como um rei, e serei muito conhecido.* Dizia eu sem saber realmente o que aquelas palavras significavam, e seguia em frente.

Tive sorte, aliada a muito suor misturado com um pouco de sangue meu, e de alguns amigos que não tiveram a mesma sorte que eu tive. Ganhei dinheiro naqueles primeiros anos de garimpo, desfrutei e achei que viveria como rei, na verdade vivi por

curta temporada. Afinal, todo rei pode perder sua coroa que também é feita de ouro. Bebidas e mulheres a isso era bom, mas igual um “quebra-gelo” que arde a garganta antes da cerveja gelada, era o garimpo que dava sentido a tudo.

As lavras minguam, e daí a melhor saída é procurar outros rumos. Procurei, encontrei e partir durante muitos anos. Arrisquei em comércio, mas as veias de ouro corriam no meu sangue. Sentia sempre o desejo de fazer fortuna, de fazer a vida, isso era acordado sempre que alguém dizia:

– Descobriram *ouro*, em tal cidade.

– *Em tal lugar estão ficando rico.*

Arrisquei-me muitas vezes, e muitas vezes acreditem consegui. Vivia como as estações do ano no cerrado: chuvas abundantes e secas que parecem nunca acabar. Mas foi em um desses períodos de seca, no mês de maio de encontrei a flor mais bela que eu poderia querer. Percebi que era ora de me assossegarmos, cultivar a terra e apenas sobreviver e deixar a vida de rei para outro sonhador, para outro aventureiro. Só que sonhos nos atentam, como aquele que atento o Nosso Senhor, ele conhece nossos

vícios e sabe como manter o fogo da aventura sempre acesa mesmo que uma brasa, mas está ali ano após ano, estação após estação.

Minha flor de maio sempre dizia:

– *Jorge! Quando for para a cidade não esqueça sua família, não fique dando ouvido para seus amigos de cachaça, eles falam demais e para eles ninguém presta.*

– *Que nada! Nunca esqueço minha família, e na cachaça só esquecemos são os problemas.*

Dizia eu para aliviar a despedida.

Vendia e trocava minhas colheitas e criações. E aproveitava para beber e falar dos tempos do garimpo. E, não tinha como esquecer até porque os que me conheciam me chamavam de garimpeiro. Em uma dessas idas que escutei aquela voz conhecida, e me disse que estava indo para o Pará, e me convidou, era o meu velho amigo Zé Miranda:

– *Tô de passagem, vou para o Pará. E, tenha a certeza que vou fazer a vida lá. Tem muito ouro, só que garimpeiro bom de serviço lá ainda não tem muito. O lugar é novo, e o ouro brota da terra como mato brota na roça. É hora de enriquecer meu amigo, o lugar já tá certo é vida de rei.*

– *Tenho família agora. Mulher e cinco filhos. Fica difícil ir para tão longe.*

– *Que nada! Se quiser dar um futuro pro seus rebentos, faça a vida enquanto ainda pode. Ou você quer vida de enxada pro futuro deles, plantar e trocar o suor por quase nada. Plantar e quase não ter o que comer, ou pior viver de roçar para os outros, sem ter seu próprio chão. Pense bem, daqui a três dias sigo o meu caminho, até lá você decide.*

Falei com minha esposa, que chorava enquanto ouvia. Disse que o futuro dos filhos também era importante, os mais velhos estavam já grandes e ajudariam na roça. Era o único jeito. Então arrumou minhas coisas e preparamos as crianças. Fui sem olhar para traz, e sem pensar muito no que ficava, via em minha frente só a fortuna que eu poderia alcançar.

Quando chegamos ao garimpo tivemos muito trabalho, ganhamos e perdemos muitas vezes. O tempo parece que girava diferente, sempre que podia mandava a ajuda para casa. O tempo de três anos passou, e vi que não tinha mais o que fazer ali, consegui muita coisa e muita coisa tinha encaminhado. O ouro já não mais brotava, e quanto menos



ouro encontrava, mais garimpeiro chegava, era uma conta que nunca fechava. E resolvi voltar.

Reencontrei a família, estavam bem melhor. Não nego que chorei quando tive que apertar os olhos e as lembranças para reconhecê-los, o tempo passara e eles cresceram mais do que eu poderia ou queria acreditar. Mas valeu apenas, agora poderíamos todos ter um futuro um pouco melhor. Não teria uma vida de rei, só que agora a vida seria melhor. E, assim foi por um bom tempo.

Contudo, sempre se quer mais, não fui mais para o garimpo. Investi e me dediquei a muitas oportunidades que fizeram enriquecer mais, via mais e mais. Só que aquela conta que nunca fecha via minha família menos e menos. Até que um susto na outra parte da conta me fez ir para o hospital, com um agravo que o ouro não ajudava a recuperar, notei que a saúde também foi dada como pagamento pela fortuna, e agora não a saúde estava falida. Foi nesse momento que eu entendi aquela frase de meu compadre e amigo:

– *O garimpeiro bem sucedido não é aquele que consegue muito ouro. Mas sim que consegue desfrutar de todo ouro que peneira.*

Aí enxerguei a minha filha mais moça com um vestido amarelo, e notei a pepita diante de meus olhos. Notei um a um de meus filhos entrando no quarto do hospital. E ao virar para o lado vi a minha flor de maio que também eu garimpei. Só então entendi que o ouro que mais valia era a minha família. E desfrutar não é perder, é estar perto e como um ouro bruto, transformá-lo em uma joia e o que torna ainda mais preciosa, e por isso é única e insubstituível.

# **ANTOLOGIA DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS**

Cada mês uma nova História, somos muitos espalhados em viagens encantadoras. O objetivo é ajudar você a dar o primeiro passo, ou se você já faz parte deste universo, juntar-se a nós, e ser parte deste sonho que navega por mares profundos das letras.

Participe!  
A História acontece...

WhatsApp (66) 9.9643-5501  
*Ações Literárias*





**EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS**  
**CAIXA POSTAL 785 – SINOP- 78.551-350**  
**FONE (66) 9 9643-5501**  
**[www.escritorescontemporaneos.com.br](http://www.escritorescontemporaneos.com.br)**